

Sociabilidade: etnografia de um conceito

Luiz Henrique de Toledo¹

Advertência

Este texto é uma tentativa de estabelecer uma percepção etnográfica em torno da gênese de um conceito sociológico fundante chamado sociabilidade². Na medida do possível se esquivará do formato balanço bibliográfico atinente à rentabilidade que tal conceito ameahou nas pesquisas que tematizaram práticas esportivas no interior da Antropologia. Não obstante as inevitáveis remissões conceituais que aparecerão aqui e acolá, trata-se daquilo que tento definir como um exercício de *memória outra* (TOLEDO, 2019a) estabelecido a partir do conceito extemporâneo de *sociabilidade* que, da perspectiva etnográfica, ambientou recortes empíricos e práticas partilhadas entre alguns antropólogos e seus interlocutores. No que me diz respeito, os usos desse conceito estiveram atados às incursões de um neófito etnógrafo urbano no universo esportivo que alcançaria os torcedores

1 Antropólogo, professor e pesquisador do PPGAS-UFSCar, coordenador do LELuS (Laboratório de estudos das práticas lúdicas e sociabilidade).

2 Fundante no sentido que Tönnies atribui ao termo *vontade* (BRANCALEONE, 2008, p. 99) e a seus dois correlatos, vontade natural e vontade arbitrária. Segundo ele, seriam fundamentos das interações sociais, sendo a primeira durável pela indistinção entre corpo, natureza e cooperação em contraposição à segunda, que romperia o elo entre corpo e exterioridade (natureza), fundando a subjetividade e a intersubjetividade, móveis das transformações sócio-históricas, portanto “artificial e mutável” (BRANCALEONE, *ibid.*). Sociabilidade nasceria dessa sobrenatureza como matiz de relações. Um texto inescapável e “quente” para se pensar o conceito de sociabilidade é *Salão*, presente em Waizbort (2013), autor que mobilizarei a seguir. Outras investidas e abordagens rotinizaram esse conceito, que se tornou popular não somente na Antropologia brasileira (ao menos num determinado período antes da efervescência dos autores “pós-sociais” nas bibliografias, destacadamente Strathern e Roy Wagner), como se manteve presente em outras searas, tais como na educação física, exemplifico com González (2007) ou na comunicação, como se pode notar em Maia (2001). Sociabilidade ganharia um “frio” verbete no Dicionário de Ciências Sociais publicado pela FGV nos anos 1980.

de futebol em pesquisas iniciadas nos anos 1990, contribuindo com alguma coisa para que uma subárea no interior da disciplina pudesse ocupar um lugar de visibilidade relativa, tanto de pesquisadores, etnografias e lugares³, abrindo interlocuções e possibilidade de diálogos multidisciplinares.

Em tempo, defino *memória outra* como um recurso à viabilidade da pesquisa ou espécie de condição para o exercício de uma sociabilidade pretérita acionada pela memória. Nesse sentido, *memória outra* não pode ser fiadora do

[...] presente etnográfico, mas expressão de mobilização permanente de "passados etnográficos", atividade constante de uma memória que espacializa o tempo na experiência da pessoa do etnógrafo. [...] Anotações, cadernos de campo, gravações de depoimentos, conversas informais, entrevistas são todos descritores reificantes que tentam estabilizar o conteúdo vivido de nossas incursões a campo e, obviamente, se fazem necessários, mas qualquer experiência em campo minimamente entusiasmada parece produzir sempre algo mais, um excedente capturado aqui pela noção de memória outra que, controlada a pieguice, nostalgia e aderência excessiva e reativa a qualquer ordem moral nativa, pode oferecer uma fonte de informações não pelo suposto viés subjetivista do método etnográfico, mas por instaurar um regime de intencionalidades que fluido, porém sensível às demandas convencionadas [...] reposicionaria a memória do pesquisador a serviço quase que perpétuo da etnografia [...] Em outros termos, permitiria reajustar a própria pessoa do etnógrafo e reposicioná-lo no contexto etnográfico, reindexando acontecimentos passados, distantes ou muito laterais em motes reconvertidos em dados, digamos, desorganizados pelo encontro com os "outros" na memória (TOLEDO, 2019a, p. 258).

Portanto, nem balanço bibliográfico, nem exegese conceitual, tratarei da aparição da noção de sociabilidade em textos de perspectiva etnográfica ou, como queiram, dentro de um expediente que passo a chamar de *memória outra* para estabelecer um ponto de intersecção mais

3 Giglio e Spaggiari (2010) trazem além de um percurso bibliográfico do futebol nas pesquisas brasileiras uma cartografia dos lugares e centros de produção dos estudos sobre futebol no Brasil.

estrito entre um objeto e o subcampo dos estudos das práticas lúdicas e esportivas que o acomodou.

Interessa especular sociabilidade a partir de uma etnografia específica que realizei e cujos resultados tornaram-se conhecidos na dissertação de mestrado *Torcidas Organizadas de Futebol: lazer e estilo de vida na metrópole*. Interessa também mencionar a partir desse trabalho o modo como tal conceito foi redimensionado a uma condição quase de categoria êmica de pesquisadores, no caso, daqueles que gravitaram em torno da antropologia urbana, subárea da disciplina que, por um bom tempo, abrigou e tutelou formalmente os estudos sobre esportes antes que alguma antropologia dos esportes, ou como procuro definir sem muitos adeptos *antropologia das práticas esportivas*⁴, pudesse tomar algum contorno formal e mais definido como lócus apropriado de encontros científicos e falação séria sobre esportes dentro da Antropologia.

Obviamente *Torcidas...* serviu como tijolinho no muro de arrimo que cada vez mais passou a se erguer e delimitar esse feixe de interesses na disciplina há mais de 37 anos, desde que iniciativas pioneiras de uma geração de pesquisadores (DAMO, 2016) assentou os "orixás" bibliográficos dessa produção brasileira no ano de 1982⁵. Como consta, os esportes como assunto de sociabilidade intelectual em congressos debutariam formalmente em uma reunião da ABA, anos depois, em 2000.

4 Expressão que seria formalizada no volume organizado por mim e pelo etnólogo e antropólogo esportista Carlos Eduardo Costa, reunindo vários temas associados aos esportes, tais como religião, política e gênero (COSTA; TOLEDO, 2009).

5 Vale mencionar lateralmente o modo como se espalhou a perspectiva antropológica sobre outras áreas do conhecimento, redundando, e me perdoem a metaforização da noção, em uma sociabilidade acadêmica alargada (AGIER, 2011) a bem do status dos objetos esportivos dentro das ciências humanas. Exemplo é o fato dos já citados autores, do docente em educação física Sérgio Giglio e o antropólogo Enrico Spaggiari, escreverem uma revisão bibliográfica multidisciplinar sobre a produção brasileira (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010). Muito comum nos dias que correm encontrar publicações escritas a muitas mãos envolvendo historiadores, geógrafos, sociólogos, museólogos, jornalistas, psicólogos etc. Fica aqui o registro de *A Torcida Brasileira* (HOLANDA *et al.*, 2012).

Movimentações

O fato de ao menos parte das pesquisas sobre práticas esportivas estar contida no descritor formal antropologia urbana praticada no Brasil⁶ é um dado tão relevante quanto a presença da teoria sociológica que historicamente modelou os estudos urbanos. Nesse sentido parece que o conceito de sociabilidade sofreu significativos deslocamentos entre os quais eu destacaria três: o primeiro que fez deslizar sociabilidade de seu contexto sociocultural originário e apuro sociológico, protegido no interior da sociologia simmeliana para alcançar as etnografias urbanas, movimento iniciado bem antes, desde as investigações em torno do que ficou conhecido por escola de Chicago⁷, cujos pesquisadores e seus trabalhos seriam apropriados tanto na sociologia quanto na antropologia brasileira. Depois a relativa acomodação do conceito em várias áreas do conhecimento e, por último, apropriado no âmbito das etnografias sobre esportes e práticas lúdicas. É nesse primeiro movimento que vale mencionar, infelizmente de modo caricatural, o contexto em que tal conceito vicejou, reconhecidamente tomado como uma das contribuições senão decisivas de Simmel (1983), ao menos persistentes nas ciências sociais⁸.

Para uma instigante apreensão contextual desse conceito destaca-se a biografia intelectual e conceitual que Waizbort (2013) fez de Simmel, sociólogo que se deteve sob o substrato primário e empírico das interações (sociação) de seu tempo. Waizbort captura Simmel em pleno exercício de autocontemplação sociológica e se disponibilizando como pessoa no epicentro de rela-

6 Como imprimo a esse texto uma perspectiva etnográfica, parto de uma específica antropologia urbana feita no Brasil, praticada no contexto “paulista” de onde intelectualmente descendo pela via da linhagem uspiana, que pode ser vislumbrada no capítulo *Linhagens e trajetórias* de Magnani (2012) e mais contextualizada numa ampla pesquisa de doutorado em Torres (2016).

7 Conforme Becker (1996), Velho (2002), Frúgoli Jr. (2005) e Hirata (2010).

8 *Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura e formal* é o texto traduzido para o português que se elevou como referência icônica de todo pretendente a etnógrafo urbano. Ofereço uma definição de sociabilidade de Simmel presente em outro texto: “Toda sociabilidade é um símbolo da vida quando esta surge no fluxo de um jogo prazeroso e fácil. Porém, é justamente um símbolo da vida cuja imagem se modifica até o ponto em que a distância em relação à vida o exige. Da mesma maneira, para não se mostrar vazia e mentirosa, a arte mais livre, fantástica e distante da cópia de qualquer realidade se nutre de uma relação profunda e fiel com a realidade” (SIMMEL, 2006, p. 80).

ções e reações intersubjetivas, para trazer a perspectiva originária daquilo que viria a se cristalizar como conceito. Contexto que revela a relação semântica, na Alemanha simmeliana do segundo império, entre espaços concebidos em regimes de atitudes estéticas e morais, ou aquilo que o autor melhor identifica no interior das frações burguesas e intelectuais da sociedade germana pela simbiose entre salão (espaço híbrido de uma experiência aristocrática e ao mesmo tempo burguesa, fadada à extinção com a metropolização e suas formas impessoais de sociação) e sociabilidade:

O salão de Sabine Lepsius foi um dos grandes salões berlinenses da época guilhermina. Ele é um dos locais privilegiados para vislumbrarmos Simmel, o tipo de sociabilidade no qual ele está envolvido e os círculos sociais com os quais ele está em contato (WAIZBORT, 2013, p. 444).

Importante reter dessa apercepção contextual os momentos que anteciparam a formalização do conceito⁹, narrando o movimento de Simmel em meio a uma névoa de relações que o fabricava não somente como pessoa, mas também como elo de cadeias mais abrangentes de relações diádicas fatorialmente multiplicadas no interior de uma atmosfera protegida e propícia ao exercício especulativo do pensamento que se pretendia horizontalizado, lugar onde as vozes, ainda que dissonantes, podiam ser ouvidas numa fusão de perspectivas de classe. Ainda, como uma mônada fechada em si mesma, a sociabilidade simmeliana experienciada no interior dos salões capturaria algumas linhas mais gerais que logo apareceriam no conceito e rotinizados em seus usos, mas paulatinamente abandonando outras, tais como o sentido mais fugidio e igualitário de democracia:

É sobretudo por isso que sociabilidade ocorre apenas no salão, pois somente no interior é possível esse ambiente, essa atmosfera protegida, na qual é possível construí-la. No exterior, ela seria completamente sufocada. Por um lado, no exterior não

9 Frúgoli Jr. (2007) e Cordeiro (2008), resenhando o livro de Frúgoli Jr. (Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1838>. Acesso em: 7 set. 2009), já destacariam uma definição sintética e curiosamente transcendente oferecida por Simmel à sociabilidade: “forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana” (FRÚGOLI, 2008, p. 9).

há a homogeneidade dos membros, o elemento por assim dizer "intraclassista" do qual a sociabilidade depende – entre diferentes classes essa sociabilidade torna-se impossível –; por outro lado o exterior é o ambiente da indiferença e da competição, da concorrência que a economia monetária estimula e da qual depende, absolutamente não regulada por critérios como o tato e a discrição [...] (WAIZBORT, 2013, p. 453).

Distante desses momentos decisivos e já enunciando um segundo movimento, obviamente tardio e muito apartado em relação à gênese fugidia das considerações sociológicas simmelianas, agora orientado na direção da perspectiva etnográfica urbana, sociabilidade se prestaria amiúde como estratégia de acercamento de objetos e interlocução metodológica tanto na sociologia urbana quanto na prática etnográfica antropológica. E abrindo metodologicamente as mônadas fechadas dessa sociabilidade simmeliana, subáreas, como antropologia urbana, as colocariam no torvelinho e a serviço da observação de relações mais assimétricas e negociadas, lugar em que etnografia e sociabilidade se encontrariam como método de apreensão não mais *intra* identidades, tais como no salão simmeliano, mas *entre* identidades. Sociabilidade se amplia, convertendo não raramente em índice onomástico de grupos discretos. Mônada aberta pela prática etnográfica, se fecharia epistemologicamente a favor das valências identitárias.

Vale dizer que esse deslocamento empírico sofrido pelo conceito de sociabilidade foi para além, ou melhor, antecipou o movimento dos estudos sobre esportes e ganhou outras áreas que se debruçaram sobre temas como comportamentos e grupos jovens, popularizando pesquisas tanto numa sociologia urbana e da juventude quanto na antropologia brasileira na virada dos anos 1970 para os 1980, cuja bibliografia também apontava para os usos empiricamente diversificados do conceito sociológico originário de sociabilidade¹⁰. Posteriormente, já abandonando relativamente esse segundo movimento, a sociabilidade passaria por um terceiro deslizamento ainda no interior de uma antropologia urbana dos espaços¹¹, agora se fazem-

10 Há uma extensa bibliografia sobre comportamento jovem e formas de sociabilidade, impossível mobilizá-la inteiramente aqui. Ficam as menções etnográficas mais caseiras e de uma geração posterior contidas em Magnani e Souza (2007).

11 Antropologia urbana dos espaços é como defino a Antropologia praticada na USP, tendo o professor José Guilherme Magnani à frente de uma extensa prática de orientação. A destacar também o professor Heitor

do presente também nos estudos que começaram a tematizar fenômenos esportivos. Guardemos um pouco esse momento.

Em relação a esse segundo movimento, os usos de sociabilidade foram pouco adensados na rotinização a sua menção, o que vale antever, senão desastres de maiores proporções na escala dessas apropriações, ao menos uma certa inércia que não foi benéfica ao próprio conceito. Ainda, passando a adjetivar situações sociais genéricas, não raramente sinonimizando "social" e ou totalidades locais, marcando presença ostensiva em subtítulos de trabalhos científicos em várias áreas, acabou paulatinamente e tomando a antropologia em específico, preterido por outras noções que foram incorporadas por etnografias e outros aportes categoriais.

Penso particularmente na noção rentável, plástica e rigorosamente etnográfica de *circuito*, proposta por Magnani, continuamente reapropriada em pesquisas tematizando diversos objetos, inclusive esportes¹². Se tomarmos os títulos dos trabalhos defendidos sob sua orientação numa lista que consta em Magnani (2012) percebe-se que descritores dos títulos e subtítulos dos trabalhos como "sociabilidade" e "circuito" praticamente se sucedem na linha temporal ordinária das defesas de mestrados e doutorados (MAGNANI, 2012, p. 72-74)¹³. Não cabe aqui uma discussão detida sobre *circuito*¹⁴, mas tal categoria introduziria no ordenamento da observação participante a dimensão do deslocamento em contextos de práticas simbolicamente contíguas, mas espacialmente descontínuas, aspecto que a expectativa/experiência inercial de sociabilidade parecia não dar mais conta. Pode-se afirmar tam-

Frúgoli Jr., ex-orientando de Magnani no mestrado, que imprime outra dinâmica e agenda de pesquisas no mesmo departamento. Ambas antropologias, obviamente ao meu juízo, focam as metáforizações em torno da categoria espaço, daí a valorização dos conceitos gerativos de cidade e sociabilidade na formação ou captura de outras noções derivadas de categoria êmicas.

12 Só para deixar registrado um único exemplo, cito a etnografia de Chiquetto (2014).

13 Não somente uma disputa terminológica ente circuito e sociabilidade, mas também a oferta de outra noção cara à Antropologia, socialidade, tal como se observa em Ramos (2014).

14 Numa definição do próprio autor, pode-se ler: "A novidade que circuito introduziu [...], em virtude de sua capacidade de vincular domínios não necessariamente marcados pela contiguidade espacial [...] foi a de ligar pontos descontínuos e distantes no tecido urbano, sem perder, contudo, a perspectiva de totalidades dotadas de coerência [...]" (MAGNANI, 2014, p. 2). Arrisco algumas considerações a respeito do potencial etnográfico da noção de circuito em bancas de defesa que participei a convite de Magnani. Algumas dessas considerações podem ser consultadas em Toledo (2019b).

bém que circuito ampliaria a observação de redes de similitudes, uma vez que resguardaria em sua proposição original a coerência ou nostalgia de uma totalidade dispersa no espaço.

Sociabilidade *alargada* (AGIER, 2011; FRÚGOLI JR., 2007) é expressão acionada por outros etnógrafos urbanos que talvez e em certo sentido faça sociabilidade se aproximar de circuito (ou vice-versa), questão que valeria maiores ponderações. Sociabilidade *violenta* (SILVA, 2004) foi outra expressão utilizada como hipótese para circunscrever ou tipificar conjuntos de práticas cotidianas tomadas por "crimes comuns violentos", aproximando-se de uma abordagem, senão êmica, menos "desencarnada", como afirma o próprio autor, no interior da sociologia urbana, mas que teve acolhida na antropologia urbana.

Sigamos com o movimento do conceito de sociabilidade rumo à antropologia das práticas esportivas. Creio que seu uso esportivo pode entrever um importante contraste entre perspectivas que tomaram os esportes, sobretudo o futebol, como projeção identitária (local, regional, nacional) e trabalhos mais etnográficos que passaram a mirar cada vez mais os regimes de diferença, nos quais sociabilidade remeteria menos às formas de uma positividade imaginada em similitude de relações e passaria a reivindicar uma perspectiva em que o(s) outro(s) não poderia(m) mais ser ignorado(s). A questão seria perscrutar *quem* seriam esses outros em um futebol que permanecia como fonte do mesmo. Noções sublimadas como "povo", "nação" e "torcida brasileira"¹⁵ chegariam paulatinamente aos torcedores em carne e osso e suas miríades particularizantes de expressões e sociabilidade¹⁶. Processo de investigação etnográfica necessariamente inconcluso.

Portanto, nesse terceiro caso de deslizamento tectônico do conceito de sociabilidade parece notório, tal como sugerido, o enraizamento ou produção de um nicho específico de retroalimentação entre conceito e recorte etnográfico. Da sua formalização sociológica e pretensa abstração

15 Como ensinou o mestre: "O futebol permite [...] também descobrir nossa 'alma' e o nosso 'coração' de modo positivo [...] sem um sentimento generoso de que realmente valemos a pena como povo e nação, qualquer proposta de transformação social pode cair facilmente num vazio ideológico [...]" (DAMATTA *et al.*, 1982, p. 15).

16 Ver Campos e Toledo (2013).

analítica universalizante ulterior passou a definir ou ser definido quase como uma categoria êmica partilhada tanto por antropólogos quanto pelos sujeitos pesquisados.

A pregnância entre o conceito simmeliano de "salão", que esteve na origem do conceito de sociabilidade e sua posterior torção ou abertura etnográfica, fruto da "descoberta" de novos objetos na antropologia urbana, alcançando posteriormente temas em torno dos fenômenos esportivos, resultou na expansão da própria subárea, oferecendo outros interlocutores e inventando novos etnógrafos¹⁷. Daí, para renomear a subárea da antropologia dos esportes (irmã preguiçosa da expressão já reificada sociologia dos esportes) para antropologia das práticas esportivas, ao menos em contexto local, foi um pulo¹⁸, resultando em mais um tijolinho na colaboração e intensificação da produção sobre esportes do ponto de vista etnográfico. Não é mero capricho inserir a palavra "práticas" interpondo Antropologia e Esportes. Práticas, aqui, investe na ideia de que os fatos esportivos se fazem continuamente: nomeados, renomeados ou (des)nomeados; concebidos e desconcebidos e que tais esportividades fruem das ações antes mesmo de suas morfologizações e espacializações, quer dizer, dizem respeito àquela arte de encontros e desencontros performados, estilizados, esteticizados que o conceito simmeliano de sociabilidade ainda parece sugerir com vigor.

Futebol e outros tantos esportes não apenas se somariam ao rol dos temas urbanos como trouxeram problemas etnográficos novos na ordem da escala, das apropriações dos espaços e das dimensões simbólicas que costumeiramente pautam as pesquisas sobre modos de vida urbano e apro-

17 Exemplos de etnografia que estabelecem tessituras entre esporte, sociabilidade, territorialidade, cidade podem ser consultadas na coletânea publicada pelo Grupo de estudos em Antropologia da cidade (Geac-USP) em Frúgoli Jr., Spaggiari e Aderaldo (2019).

18 Nem preciso dizer que atividades vigorosas de orientação, formação de núcleos de pesquisa espalhados pelos programas de pós-graduação em Antropologia pelo país, disciplinas em cursos de graduação e pós-graduação, criação de grupos de estudos formalizados e não formalizados, revistas, sites... enfim, espaços que se colocaram como "salões" importantes e propiciaram acúmulo e fortuna crítica, redundando na formação de demanda e conseqüente aprovação seguida de propostas de grupos de trabalho, mesas redondas, conferências em congressos em que antropólogos esportivos se fizeram notar. A esse respeito volto a recomendar Giglio e Spaggiari (2010), bem como Damo (2016). O LELuS (Laboratório de estudos das práticas lúdicas e sociabilidade), cadastrado no CNPq em 2013 é a iniciativa local de fomento de pesquisas na UFSCar, disponível em: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8026064908575989](http://dgp.espelhogrupo/8026064908575989). Acesso em: 7 set. 2019.

priação das cidades. Noções atinentes aos esportes como corporalidade e manejos técnico-espacializados, implicando outras sociologicamente mais indigestas e "pré-reflexivas" noções, tais como percepções táteis, reflexos, velocidade e percepção temporal, ritmo, motrização, artefatos e próteses corpóreas, substâncias e práticas esportivas dissonantes em corpos ciborgues, protéticos e abjetos¹⁹, vigor e rendimento... muitos desses atributos aparentemente tangíveis de uma ordem natural e ou moral estranhados na economia analítica de rendimento sociológico²⁰, puderam ser traduzidos em percepções e sensibilidade simbólica ou, ainda, promovidos a extensões metafóricas diferenciadas de regras e condutas morais da vida realizada nas cidades às voltas ainda com a gama de interesses políticos renovados nos jogos públicos disputados pela cidadania²¹. Ademais, estudos sobre comportamento jovem, centro e periferia, criminalidade, movimentos sociais, até perspectivas e temas alcançando a seara da etnologia foram tocados pela perspectiva etnográfica via os esportes.

Um novo acesso mais insurgente no domínio popular, que chamo aqui de *via torcedora*, somou-se ao amplo movimento nas ciências sociais, antropologia urbana inclusa, que esteve em plena atividade e simbiose política com as camadas populares urbanas desde o final dos anos 1970. A via torcedora chancelou um universo relativamente "livre" e horizontalizado de pesquisas objetivadas nas primeiras etnografias sobre torcedores, alimentadas pela ética das reciprocidades em que as interações e relações entre pesquisados e pesquisadores fluíram criativamente e momentaneamente com pouca dificuldade em um processo de coetaneidade (FABIAN, 2013) no qual acrescentaria capciosamente também as relações de empatia (geracional, clubística, de classe).

Essa etnografia pela via da sociabilidade torcedora não raramente horizontalizou ou implicou contextualmente pesquisadores e pesquisados²²,

19 Cito a pesquisa de pós-graduação de Camargo (2013-2016), sob minha supervisão.

20 Cabe notar que vários desses temas como corpo e ritmo já constavam da agenda de autores clássicos como Mauss desde o início do século XX, sendo que outros dessa listinha foram menos problematizados na sociologia e mesmo nas antropologias urbanas.

21 Conforme Machado (2017).

22 Vale mencionar a colaboração entre o historiador Bernardo Buarque de Holanda e o antropólogo José Paulo Florenzano no esforço de publicar um original levantamento de entrevistas com dirigentes torcedores. A

fato que contrastava com a maior dificuldade daqueles que, também pela via etnográfica, primeiro tentaram adentrar outros domínios desse mesmo futebol, espaços certamente mais interditos, tais como os universos profissionais de jogadores e dirigentes esportivos, *loci* da altíssima circulação monetária e de inconfessos interesses políticos. Um universo tradicionalmente penetrado e ocupado sobretudo pelas narrativas jornalísticas e seus profissionais e especialistas (mananciais do prestígio alheio) que souberam melhor jogar o jogo da sociabilidade pelos "salões" esportivos dos clubes, centros de treinamento, federações e confederações esportivas.

Esses primeiros etnógrafos de torcedores e etnógrafos torcedores tatearam ambientes, agora já bastante espalhados pelo país, cuja sociabilidade estava menos comprometida com aquilo que o sociólogo Gabriel Cohn destacava justamente como traço da finesa teórica por toda obra simmeliana, mostrando que "as relações econômicas de troca marcadas pela legalidade racional [eram] insuficientes por si mesmas para estabelecer vínculos duradouros entre os homens" (COHN, 1998). Tal sociabilidade traria algo de insurgente, questão ainda longe de suficientemente estudada.

Sociabilidade torcedora

Acionemos, então, os recursos mnemônicos da *memória outra* para mencionar modestamente a primeira pesquisa sobre torcedores que realizei, como antropólogo iniciante e como torcedor, cujos resultados vieram à público em 1994, publicada em 1996 (TOLEDO, 1994), portanto quatro anos antes do primeiro encontro de pesquisadores antropólogos sobre esportes no contexto de uma reunião da ABA. Obviamente que não há aqui qualquer vaidade ou mérito individual em firmar essa precedência diante da produção que se espraiaria e ainda que a sociabilidade entre antropólogos e antropólogas esportistas (mas desde início não somente) tenha ocorrido mais tardiamente, inclusive em relação a outras áreas do saber, ela foi um

fala torcedora sem mediações traz uma nova percepção não somente das torcidas organizadas, mas do futebol, da política, da cidade e de outros temas que se articulam pela via da participação popular e interstícios da sociabilidade por onde esses personagens controversos circularam. Cf.: Holanda e Florenzano (2019).

fator crucial para motivar e despertar o interesse cada vez maior pelas coisas esportivas e, também, o interesse cada vez maior de outros saberes pelas coisas antropológicas sobre esportes.

Protagonista desses movimentos iniciais, *Torcidas...* revelou-se ali como parte da bibliografia e da sociabilidade naqueles primeiros encontros que, para além de redundarem em colaborações, formações de núcleos aglutinadores de pesquisa em esportes, encontros em ABAs, conexões estendidas, salões e amizades sinceras, trouxe a marca simmeliana indelével presente no conceito original, ou seja, o exercício horizontalizado da sociabilidade jogada com torcedores de futebol, tingindo ou matizando a objetividade entre sujeito e sujeitos pesquisados.

Àquela altura não foi mesmo difícil acolher o conceito de sociabilidade ou retirá-lo em parte da canga mais conceitualista ou contextual em que foi gestado sociologicamente, uma vez que a intimidade conceitual com outra noção, aí sim muito cara ao "nosso" campo de acadêmicos esportistas, ou seja, a noção de *jogo*, já estava dada de antemão pelo próprio pai do conceito:

Essas formas [de sociabilidade], contudo, se tornam autônomas dos conteúdos e estímulos autônomos dentro do próprio jogo, ou melhor, **como** jogo. Caçar, conquistar, contrapor forças físicas e espirituais, competir, pôr-se à mercê do acaso e do capricho de poderes sobre os quais não se tem qualquer influência – tudo isso que antes aderia à vida em sua seriedade, agora se subtrai a seu fluxo, à sua matéria, desapega-se da vida. Autonomamente, escolhe ou cria os objetos nos quais irá se testar e representar-se em sua pureza. Isso confere ao jogo tanto sua alegria quanto seu significado simbólico, tornando-o diferente do puro divertimento (SIMMEL, 2006, p. 62, grifo nosso).

Se houve algum pioneirismo em *Torcidas...*, e sabidamente em outros trabalhos e pesquisas sobre torcedores anteriores e ou contemporâneos a ele que colaboraram com o campo na mesma proporção, talvez esteja nesse deslizamento conceitual de uma formulação geral acomodada nas etnografias à crítica um tanto velada ao que poderia ser notado somente como expressão de forças coesivas comunitárias implicadas na ideia de so-

ciabilidade (STRATHERN, 1999). Isso pode ser entrevisto nas considerações feitas por Torres (2016) ao abordar um trabalho subsequente, *Lógicas no Futebol*, tese defendida em 2000²³. Porém, quem atentou para o rendimento teórico do conceito ou usos metodológicos de sociabilidade em *Torcidas...* foi outro antropólogo, Arlei Damo, que numa urdida argumentação e a propósito de um balanço não tão extenso, mas denso, sobre a produção intelectual brasileira escreveu:

A dissertação/livro de Toledo buscou compreender o significado do engajamento a esses grupos organizados e as múltiplas faces de suas dinâmicas segundo o ponto de vista dos próprios torcedores, atentando para suas performances estéticas e políticas. A categoria [não exatamente o conceito, acrescento] **sociabilidade** é a mais englobante, daí porque aquilo que outros viam como "violência", uma categoria já decantada pelas formas discursivas exógenas, seria tratado como uma modalidade de sociabilidade atravessada pelo conflito e, em boa medida, englobado pela dinâmica mais ampla desses grupos, fosse ela interna ou externa (como outros grupos, com a idade, com outros torcedores e assim por diante) (DAMO, 2016, p. 335, grifo nosso).

Como se nota, o termo sociabilidade não está no título do trabalho, mas se faz presente assombrando categorias igualmente importadas de outras sociologias provenientes da leitura já à época desgastada de uma sociologia do lazer (DUMAZEDIER, 1973), que servira maliciosamente como alteridade conceitual na dissertação, bem como a apropriação mecânica de outra categoria originariamente simmeliana, *estilo de vida*, mas pela via bourdiesiana (BOURDIEU, 1983).

Sociabilidade, lazer e estilo de vida acabariam permutando ou intercambiando com os dados etnográficos sem muito rigor conceitual, oscilando pela etnografia, mas diria que com alguma vitalidade descritiva, como se pudéssemos comparar etnografia com os itinerários simmelianos,

23 "De uma perspectiva mais sincrônica e etnográfica, Toledo privilegiou algumas práticas cotidianas que constituem um rol variado de relações de sociabilidade como as que ocorrem nas 'mesas de bares' em contraponto às 'mesas redondas' das discussões especializadas, que tem lugar nos meios de comunicação de massa (2000:242)" (TORRES, 2016, p. 199).

suas experiências de sociabilidade que impactaram sua subjetividade, produzindo conceituações vindas desses retratos compósitos de relações e de momentos estilizados e aparentemente fugazes. De todo modo, não se tratava de uma

[...] discussão vertical e abstrata do conflito e da sociabilidade, mas, seguindo a tradição etnográfica, em captar, interpretar e comparar os mecanismos utilizados pelos torcedores para manifestar seus sentimentos, atribuir legitimidade a suas visões de mundo, enfim, emergir do anonimato para o centro do espaço político e social (DAMO, 1996, p. 195).

Etnografia não cessa com o presenteísmo da observação direta e com a dita fruição prazenteira e fugidia de uma sociabilidade, o recurso à *memória outra* sugere algo bem diverso, todavia implica sustentar o jogo livre da sociabilidade que em parte a promove, mas que jamais pode ser levada inteiramente para dentro dos nossos textos. Observa-se ainda que noções trazidas de outras searas da antropologia, tal como a stratherniana *socialidade*, também permutaram ou simplesmente substituíram amiúde sociabilidade, diluindo ainda mais qualquer pretensão ou potência gerativa analítica²⁴.

Relendo retrospectivamente *Torcidas...*, podemos afirmar que etnografia e sociabilidade se enredam em uma espécie de disputa pelos territórios da descrição textual e da fabricação da pessoa do etnógrafo e estão longe de serem tomadas como meras técnicas de pesquisa ou, no que se refere à sociabilidade, tão somente um fator emocional, retido dentro daquilo que ironicamente foi colocado por Strathern quando afirma: "Uma das razões por que eu gosto da palavra 'socialidade' é precisamente o fato de ela não ser a palavra 'sociabilidade'. 'Sociabilidade', em inglês, significa uma experiência de comunidade, de empatia" (STRATHERN, 1999).

É preciso retomar um ponto e reafirmar que *Torcidas...* foi um livro gestado em um ambiente coletivo de pesquisa no interior do Núcleo de

24 Usos que variam na paisagem antropologia pelo país. Só como referências elucidativas e fazendo uma breve busca no Google Acadêmico deparamo-nos com trabalhos fora da etnologia que mencionam em seus títulos o termo socialidade, por exemplo em etnomusicologia (JAQUES, 2007) ou antropologia sobre populações de rua (MELO, 2011).

Antropologia Urbana da USP²⁵, em um ambiente, digamos, de acolhedora sociabilidade acadêmica de trocas intelectuais, mas sobretudo um lugar que vicejou e esgarçou na antropologia brasileira um dos melhores usos produtivos do conceito de sociabilidade em etnografias. Não há espaço para desenvolver aqui esse outro argumento de salão, só é necessário e por último, arrematar o texto.

Sociabilidade, um conceito sedutor?

Categoria sempre à espera de substância etnográfica, o movimento do conceito de sociabilidade, melhor definido se também percebido como *contexto* etnográfico de produção de relações de alteridade, deteve-se com a abertura consistente de outras linhas de pesquisa, novas abordagens e a invenção de novos objetos dentro dos estudos etnográficos sobre esportes.

Ademais, sociabilidade partilhou, em um horizonte mais amplo das investigações sobre o urbano e práticas esportivas, esse salão (ou salada) conceitual com outras noções, tais como as já aludidas, *lazer*, *estilo de vida*, acrescidas ainda de *cultura*, *relacionalidade*, *territorialidade*, bem como a própria noção pedagógica de esporte.

Vale outra menção à socialidade que segue essa direção, agora ambientada e capturada em trabalhos sobretudo na Educação Física, seara acadêmica e parceira assimétrica dos estudos etnográficos sobre esportes. Nesse caso, observam-se os usos sinonimizados de sociabilidade e socialidade²⁶, oferecidos por autores como Mafessoli, que deliberadamente justapõem tais conceitos. Nem é preciso alertar para o fato de que a noção simmeliana de salão é por ele retomada, misturada aos esportes:

Da corrida de cavalos ao cassino, da bocha aos diferentes jogos esportivos (futebol, rúgbi, etc.), mas igualmente nos comentários públicos dos acontecimentos ou *faits-divers* mais ou menos espetaculares, e também nas conversas de salão sobre tal filme ou peça de teatro, encontramos a comunhão de emoções [...]

25 Hoje Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (Lab-NAU-USP).

26 Por exemplo Pimentel (2006).

o lúdico não é, portanto, um divertimento de uso privado, mas, fundamentalmente, o efeito e a consequência de toda socialidade em ato (MAFESSOLI, 1984, p. 44).

Deleuze e Guattari (1997), ao estenderem as metáforas em torno da noção de *máquina de guerra*, em tudo dessemelhante ao Estado, apontaram para a noção de mundanidade como contraposição moderna à sociabilidade. Acolhida fora dos centros de prestígio que reverberam o poder centralizado, tal como sociabilidade ali é percebida, mundanidade revelaria seu potencial irruptivo, elidindo um corte profundo entre grupos sociais que embora contíguos, viveriam sobrepostos, superpostos ou à margem das lógicas estatais. Práticas ditas transgressoras, corpos abjetos (CAMARGO, 2013), nomadismos, enfim, podem tentar reajustar dessa perspectiva o conceito de sociabilidade por demais desajustado quando se depara com paisagens etnográficas mais insurgentes, por assim dizer.

É sabido que outras sociologias e antropologias (inclusive trabalhos de fatura etnológica) alimentaram e seguem contribuindo com os estudos sobre esportes e fenômenos lúdicos da perspectiva antropológica, alguns inclusive evidenciados nos balanços bibliográficos sobre esportes (TOLEDO, 2001; TOLEDO, 2021; ALABARCES, 2004; GIGLIO; SPAGGIARI, 2010; DAMO, 2016). O que faltaria para esse movimento antropológico em torno dos esportes inverter um pouco a direção e passar a contribuir metodologicamente e ou conceitualmente com outras subáreas dentro da própria antropologia?

As relações com uma antropologia urbana foram aqui evidenciadas, mas tais contribuições parecem bem mais evidentes quando folheamos as bibliografias de trabalhos oriundos de algumas outras áreas (alguma contribuição nas abordagens em Psicologia, pouco mais nas áreas da Economia e Administração, bem mais em subáreas da Educação Física e contribuições que vão se adensando na medida em que se aproxima da História e outras Ciências sociais, talvez em menor escala na Geografia e Ciências políticas)²⁷.

27 Aqui outro impressionismo de salão, por isso caberia, obviamente, uma pesquisa aprofundada sobre esses itinerários e fluxos multidirecionais entre essas abordagens e suas contribuições recíprocas em torno dos estudos sobre esportes.

Contudo, no interior de outras antropologias possíveis essas contribuições ainda parecem um tanto tímidas, laterais ou mesmo eclipsadas pela especialização de categorias analíticas que, igualmente nascidas em salões e jogos de sociabilidade em seus respectivos trabalhos de campo e interlocuções acadêmicas, ainda não foram instigadas a se relacionarem com aquelas forjadas na militância intelectual dos antropólogos e antropólogas esportistas. Segue o jogo.

Referências

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: Lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- ALABARCES, Pablo. Veinte años de ciencias sociales y deporte en América Latina: um balance, uma agenda. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, v. 58, p. 159-179, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Gosto de classe e estilo de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- BRANCALEONE, Cassio. Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies. *Revista de Ciências Sociais*, v. 39, n. 2, 2008. p. 98-104.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. *Práticas esportivas dissonantes nas antinomias de jogo e antijogo: considerações antropológicas*. Apoio Fapesp, Relatório final de pesquisa Fapesp. Processo 2013/00047-7. 2013.
- CAMPOS, Flavio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. *Revista USP*, São Paulo, n. 99, p. 123-138, 2013.
- CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara*. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2014.
- COHN, Gabriel. As diferenças finas. de Simmel a Luhmann. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 38, 1998. p. 1-10. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300003. Acesso em: 7 set. 2019.
- CORDEIRO, Graça Índias. *Resenha: Sociabilidade Urbana*. Heitor Frúgoli Jr. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1838>. Acesso em: 7 jul. 2019.
- COSTA, Carlos Eduardo; TOLEDO, Luiz Henrique (Orgs.). *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Terceiro Nome; Fapesp, 2009.
- DAMATTA, Roberto et al. (Orgs.). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- DAMO, Arlei Sander. Novas abordagens sobre o esporte em Ciências Humanas no Brasil (Posfácio). In: SPAGGIARI, Enrico; MACHADO, Giancarlo M. C.; GIGLIO, Sérgio Settani (Orgs.). *Entre jogos e Copas: reflexões de uma década esportiva*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016.

DAMO, Arlei Sander. Torcidas organizadas de futebol (resenha). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 11, n. 31, p. 193-195, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FABIAN, Johannes. *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis: Vozes, 2013.

FRÚGOLI JR., Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*, v. 48, n. 1, p. 133-165, 2005.

FRÚGOLI JR., Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Coleção Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2007.

FRÚGOLI JR., Heitor; SPAGGIARI, Enrico; ADERLDO, Guilherme (Orgs.). *Práticas, conflitos, espaços: pesquisas em antropologia da cidade*. São Paulo: Terceiro Nome; Gramma, 2019.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*, n. 163, p. 293-350, 2010.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sociabilidades e práticas corporais. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da (Orgs.). *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HIRATA, Daniel Veloso. *Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida*. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – USP, São Paulo, 2010.

HOLANDA, Bernardo B. Buarque de *et al.* *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2012.

HOLANDA, Bernardo B. Buarque de; FLORENZANO, José Paulo (Orgs.). *Territórios do Torcer: depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol da cidade de São Paulo (anos 1960-1990)*. São Paulo: Educ, 2019.

JQUES, Tatyana de Alencar. *Comunidade rock e bandas independentes de Florianópolis: uma etnografia sob socialidade e concepções musicais*. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFSC, Santa Catarina, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/89649>. Acesso em: 14 jul. 2019.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadania*. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2017.

MAFFESOLI, Michel. O espaço da socialidade. In: MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 79-93.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Circuito: proposta de delimitação de uma categoria. 2014. *Ponto Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, n. 15. 1-14. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/>. Acesso em: 10 mar. 2021

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Linhagens e trajetórias: da periferia ao centro – trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de. *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAIA, Rousiley. Sociabilidade: apenas um conceito? *Geraes*: Revista de Comunicação, jan. 2001. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317051024>. Acesso em: 5 jul. 2019.

MELO, Tomás Henrique de Azevedo Gomes. *A rua e a sociedade*: articulações políticas, socialidade e a luta por reconhecimento da população em situação de rua. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFPR, Paraná, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/48438>. Acesso: 15 jul. 2019.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. *Risco, corpo e socialidade no voo livre*. 2006. Tese (Doutorado em Educação Física) – Unicamp, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275230>. Acesso em: 16 jul. 2019.

RAMOS, Thais Henriques. *Jovens, festa e luxo*: uma etnografia de um circuito de lazer de elite em Florianópolis/SC. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFPR, Paraná, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/38131>. Acesso em: 7 jul. 2019.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*, v. 19, n. 1, p. 53-84, 2004.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia*: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

STRATHERN, Marilyn. No limite de uma certa linguagem (entrevista). *Mana*, v. 5, n. 2, p. 157-175, 1999.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Balanços bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebóis na antropologia brasileira. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 94, p. 1-32, jan. 2021.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002). *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, v. 1, n. 52, p. 133-165, 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Presente etnográfico e “presente museográfico”: o caso do Museu do Futebol visto por um antropólogo urbano. *Revista Cadernos de Campo*, v. 28, n. 1, p. 249-272, 2019a.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Remexer anotações*: o trabalho de um arguidor antropólogo. São Carlos: Edufscar, 2019b.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*: lazer e estilo de vida na metrópole. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 1994. [Publicação: *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas: Anpocs; Autores Associados, 1996].

TORRES, Lilian de Lucca. *Uma cidade dos antropólogos*: São Paulo nas dissertações e teses da USP (1960-2000). 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 2016.

VELHO, Gilberto. Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil. *Ilha Revista de Antropologia*, v. 4, n. 1, p. 5-16, 2002.

WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2013.